

Areias, 10,12,1908

Rangel:

Magnificas as notas e muito prometedor o livro. Infelizmente a minha colaboração não sai; ando assoberbado de maçadas, que aliás rendem alguma coisa, sobretudo as traduções do inglês. Dito-as da rede e Purezinha escreve, e assim vai rapido. Este mês deram-me 80\$000. E outra maçada são os preparativos para a ida a S. Paulo. Eis a razão das poucas lançadas no caderno, sob as tuas. O assunto é imenso, e novo entre nós. Precisamos reunir muito material. Os “falhos”; são eles os autores dessa copiosissima flora cogumelar de jornalecos e revistecas que inunda o país inteiro e é a mesma no Maranhão e na Caçapava riograndese. Precisamos ler e joeirar essas folhas. Eles criaram uma lingua nova, de preguiça de estudar a velha; e erigem idolos novos, e expluem “ideias novas” ou pequeninos abortos que supõem ser ideias. Mas é preciso não perder de vista o Goulart. O Nó Vital do teu romance é ele. Aquela ideia blenorragica da sua ultima “novela” tem que constituir o ponto culminante d’*Os Falhos*.

Sigo nestes cinco dias. Queres os *Bem Casados*? Ainda não pude meter ali o bedelho. Duvido muito da minha colaboração. Ando ôco demais. Temos de discutir o entrecho. Com os valentões poderás fazer um livro profundamente nacional\_ como o *Cyrano* o é para a França. Tive ha dias uma visão desse livro, que me encantou. Adeus. Estou sem tempo. Em S. Paulo, rua Santo Amaro 18.

LOBATO